

De mochila nas costas, reconstruindo as trilhas da revista Realidade e em busca de novas narrativas: revista *Campus Repórter-UnB*¹

Márcia Marques
Dione Oliveira Moura

RESUMO

O artigo descreve a experiência de uma revista laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, revista *Campus Repórter*, lançada no ano de 2007, mas, vai além e problematiza, a partir de experiências concretas, o espaço de ensino-aprendizagem em produção de reportagens como um espaço para construção de (novas) formas narrativas para o jornalismo impresso, especialmente o jornalismo de revista. Também descreve o modo de produção colaborativa da revista, a qual envolve estudantes de jornalismo, publicidade e desenho industrial, com supervisão de professores editores da área de reportagem, fotojornalismo e planejamento gráfico. Conclui que a experiência colaborativa na produção de uma revista laboratório soma resultados e que a revista tem trilhado um caminho que aponta para novas formas narrativas mais atentas à polissemia, assim como a perspectivas inovadoras de narrar fatos cotidianos a partir de uma perspectiva mais contextual, com inspiração na revista *Realidade* (1966 a 1976).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo impresso. Revista. Realidade (Revista). *Campus Repórter* (Revista).

¹ Uma versão inicial do presente artigo foi apresentada Trabalho Grupo de Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2009. A presente versão foi reformulada e atualizada com novos dados e análises a respeito do processo de produção da revista *Campus Repórter*, em especial no que diz respeito a busca de novas narrativas como um exercício colaborativo de ensino-aprendizagem.

1 Apresentação

O Jornalismo tem suas raízes mergulhadas na narrativa. A narrativa é o esqueleto do jornalismo e, neste sentido, uma forma que pode sempre ser renovada e fortalecida. O jornalismo de revista no Brasil tem na revista *Realidade* (1966 a 1976) uma inigualável escola. A Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) acabou por inspirar-se na revista *Realidade*, com a devida precaução de ponderar as diferenças de contexto e de infra-estrutura, no momento em que inaugurou uma experiência em reportagem de revista que resultou na revista *Campus Repórter*, inaugurada em 2007. O artigo irá descrever a experiência, mas, muito mais do que isso, irá problematizar o espaço de ensino-aprendizagem em produção de reportagens como um espaço para construção de (novas) formas narrativas para o jornalismo impresso, especialmente o jornalismo de revista.

A revista *Campus Repórter* é uma publicação semestral, com foco em reportagens e é produzida com ênfase na busca de profundidade e originalidade nas pautas, abordagens e narrativas. Em 2009 completam-se três anos de atividades de ensino-aprendizagem e, atualmente, o conjunto de disciplinas relacionadas à revista *Campus Repórter* (Laboratório Campus Repórter, Oficina de Diagramação e Tópicos Especiais em Comunicação) oferece aos alunos uma experiência de aprendizagem colaborativa (repórteres, fotógrafos, diagramadores e docentes de esferas profissionais diferenciadas) e interdisciplinar - o laboratório em que é produzida a revista reúne jovens estudantes de jornalismo, publicidade, desenho industrial e artes visuais da UnB. Este espaço laboratorial promove, sob orientação e supervisão participativa de professores da Faculdade de Comunicação, uma efetiva imersão no processo de produção de reportagens.

Além de assegurarmos um bom aproveitamento dos recursos públicos que sustentam nossos produtos e experimentos laboratoriais, trabalhamos à luz do que afirma Freire, no que concerne o papel do educador: “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (FREIRE, 1999, p.36).

Nesse sentido, o objetivo perseguido a cada nova edição do laboratório em torno da *Campus Repórter* é possibilitar que os estudantes exercitem a produção, a apuração e a apresentação de grandes reportagens, no sentido de narrativas jornalísticas – dentro dos conceitos de *newsmaking*. Não há assunto proibido, o foco é sempre uma boa pauta. A revista não é dividida em editorias temáticas e transita por todas as áreas, como história, política, cultura, economia, lazer, saúde ou educação. Também não há

limitação de fronteira: o sertão da Bahia ou do Piauí; o interior do Paraná ou de Minas Gerais; o mundo árabe. O que importa é o experimentar mais aprofundado do fazer jornalístico naquele considerado o gênero nobre, a grande reportagem que, como define Kotscho (1989, p. 71) “[...] é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício”.

2 Reconstruindo as trilhas da revista *Realidade*, em busca novas narrativas

Ainda, como resumiu em uma troca de correspondência eletrônica uma de nossas repórteres/alunas, Flávia Maia, trabalhamos o “jornalismo mochilão”. Podemos tomar como uma figura de linguagem e ver esta mochila como que impregnada pelo espírito pujante de jovens em plena formação profissional. Jovens que carregam um pouco, mas suficiente o bastante, da experiência dos mestres docentes jornalistas, fotógrafos e programadores visuais. Carregam também em alguns bolsos desta mochila simbólica um pouco, também o suficiente, do que é processado durante as trocas de informações no processo de produção colaborativa que percorre o semestre letivo de cada edição da *Campus Repórter*. A revista recebe apoio de financiamento do Decanato de Assuntos Comunitários da UnB e busca novos patrocínios dentro do previsto nas normas para instituições federais.

Como já dito, a revista *Realidade* fez escola para a reportagem em revista no Brasil. Por isto, a *Campus Repórter* não poderia deixar de ter naquela publicação uma inspiração e um guia. A comparação é um desafio para uma revista laboratório como a *Campus Repórter*, mas é certo afirmar que nestas quatro edições já produzidas (2007 a 2009) temos buscado reproduzir alguns traços da *Realidade* como desejo de realização e como vitórias iniciais, mesmo que ainda em ‘primeiros passos’, podemos elencar, dentre os traços de *Realidade* (PANIAGO, 2008), aspectos como o incentivo à produção de perfis e alguma vizinhança que *Campus Repórter* também busca estabelecer com a literatura. Da mesma forma, temos buscado reportagens mais adensadas ao fugir da tradicional organização do texto em ‘pirâmide invertida’. Também instamos que o cidadão comum que eclodia em *Realidade* no contexto dos grandes problemas nacionais, também seja reencontrado nas narrativas da nossa revista laboratório, convite dirigido pelo corpo editorial de docentes responsáveis pela *Campus Repórter*, a cada início de semestre letivo, aos estudantes proponentes de pautas.

Esse mesmo cidadão comum, personagem presente nas páginas históricas da revista *Realidade*, surge desde a edição

número 1 da *Campus Repórter*, por meio da reportagem que conta a história de Fecundo Jesus da Silva, que há meio século mora em um carro de boi em Curral das Varas, zona rural da pequena Santana, no Oeste baiano. Retorna no número 2 na pele de Dona Lili, personagem central na recuperação da história do Programa Bolsa Família, a partir de Guaribas, no interior do Piauí, berço do programa de distribuição de renda do governo Lula (Programa Fome Zero). Na edição 3, novamente dialogamos com este cidadão comum na pessoa do jovem taxista negro que representa Chico Rei na Congada em Ouro Preto, Minas Gerais. E, por fim, na edição 4 trouxemos vários personagens das residências terapêuticas que procuram recuperar-se das cicatrizes dos manicômios de Barbacena, Minas Gerais:

Cabo, outro morador, é um tipo taciturno. Tido como mudo em seu tempo de manicômio [...]. Aos poucos, passou a assinar e a conversar, ainda que só o mínimo necessário. Perguntado pelo motivo de permanecer mudo durante tanto anos, respondeu sem pestanejar: Ué, nunca me perguntaram nada!²

Estamos falando de um cidadão comum, aquele que usualmente não é ‘capa de revista’ e que, no caso da *Campus Repórter*, tem estado ao lado de personagens de elevado valor notícia, pelo critério substantivo de importância, como define Wolf (1987). Classificam-se como personagens de elevado valor notícia, por exemplo, o repórter José Hamilton Ribeiro, figura singular na história da *Realidade* e do jornalismo brasileiro; do teatrólogo e ator Sérgio Brito; da poeta Alice Ruiz e do jornalista Reynaldo Jardim, que revolucionou o jornalismo brasileiro, com experiências como a criação do caderno de cultura do *Jornal do Brasil* e do *Sol*, publicação eternizada pela música de Caetano Veloso *Alegria, Alegria*.

A entrevista de Ribeiro, emblematicamente o primeiro entrevistado da publicação, traz como título a fórmula que ele desenvolveu para o gênero grande reportagem: $gr = (bc+bf)/(txt)^n$

$gr = (bc+bf)/(txt)^n$ significa que Grande Reportagem é igual a um bom começo, mais um bom final, sobre trabalho vezes talento, elevado à potência n. Essa fórmula não tem erro. É segui-la e se candidatar ao Prêmio Esso de Jornalismo³.

3 Uma Narrativa que equilibre texto, foto, programação visual

Reeditando, e ao mesmo tempo, reinventando, a tônica especial concedida por *Realidade* à fotografia e à diagramação, como parte do conjunto que compõe a reportagem, temos valorizado estes elementos na prática da *Campus Repórter*. Aqui também não podemos deixar de incluir a riqueza das artes visuais, traduzida em diversas ilustrações produzidas com exclusividade para a revista e a partir dos relatos, ou mesmo da leitura dos textos brutos,

² *Campus Repórter*, edição 4, ano 3, 2009.

³ *Campus Repórter*, edição 1, ano 1, 2007.

dos repórteres. Em particular, nesta quarta edição publicada em junho de 2009, conforme a Figura 1, experimentamos a participação dos diagramadores em algumas coberturas, o que trouxe maior riqueza para a composição das páginas e muitas vezes definiu rumos na escolha da palheta de cores e das fontes utilizadas na direção de arte.

Um desafio cotidiano em cada edição tem sido estabelecer o vínculo entre a narrativa da fotografia em diálogo com o registro jornalístico construído pelo repórter. Como localizar o ponto exato de equilíbrio, equilíbrio que vem sempre de uma foto que traz inquietação, e o registro fotográfico? Evidente que temos privilegiado o trabalho em equipe, o mais compartilhado possível, mas à arte, sim, à arte da edição, cabe esta costura que, quando bem sucedida, resulta em uma matéria jornalística plena de ressonâncias e complementaridades que vão da primeira idéia de pauta, à forma final pronta para o leitor: uma narrativa que apresente um modo de contar que não está somente no texto, mas sobretudo no conjunto articulado entre texto, foto e programação visual, com todos seus aparatos (título, 'abre', legendas, 'olho', escolha da fonte, textura da programação visual, disposição gráfica das fotografias e demais ilustrações, escolha de personagens e subtemas dentro da narrativa).

Por isso, a cada edição, o laboratório experimenta este enlace, o qual temos considerado satisfatório ao final de cada edição, mas que, no início do semestre seguinte, sempre podemos, e o temos feito, avaliar e procurar aperfeiçoar esse complexo narrativo que envolve a edição do texto em relação de interdependência com o design visual, a cobertura fotojornalística e o compromisso, precípuo, de oferecer uma narrativa jornalística ética e de profundidade.

Campus Repórter, uma vez laboratório de ensino-aprendizagem de produção de reportagens, foi criada exatamente durante a expansão do jornalismo eletrônico, do jornalismo de atualização permanente, próprio da convergência tecnológica. Sem a pretensão de estar na contracorrente das tendências propiciadas pela era do jornalismo eletrônico, *Campus Repórter* procura ser um laboratório de fomento à reportagem de maior fôlego, de maior convívio com a apuração, sem o deadline incessante da divulgação diária ou quinzenal (experiências que têm espaço garantido nas disciplinas Campus Online (www.fac.unb.br/campusonline) cursado no quinto semestre, e Campus Impresso, no sexto semestre, por alunos do Departamento de Jornalismo de nossa Faculdade).

Todo projeto pedagógico, principalmente em um laboratório, como nesta experiência da *Campus Repórter*, envolve valores como os do trabalho em equipe e do papel do professor em sala de aula.

Na palestra de abertura do Encontro Nacional de Professores

de Jornalismo⁴, a professora (e repórter, como fez questão de ressaltar) Cremilda Medina fez uma reflexão sobre a necessidade de diálogo na relação educador/educando para formar um jornalista que dialoga com a sociedade:

O educador traz consigo a bagagem do conhecimento adequado e o leva à sala de aula para realizar o processo de construção de conhecimento do futuro. O educando faz parte dessa construção do conhecimento do futuro. Educador e educando são cúmplices da construção do conhecimento, que vem do passado e tem essa projeção do futuro⁵.

Segundo a professora, cujo discurso foi reproduzido em vários momentos daquele encontro, “jornalista e educador têm cumplicidade na construção do conhecimento”. O professor traz o lastro, o jornalista, que trabalha cotidianamente as narrativas da contemporaneidade, traz a compreensão do presente. Um presente, para ela, onde não é mais possível sectionar o emissor, autor desse processo; os meios que ele usa para a narrativa do processo; e a recepção.

4 Características da publicação

Campus Repórter é uma revista noticiosa, de informação e entretenimento. As matérias são elaboradas com rigor, mostrando os inúmeros ângulos e a diversidade de opiniões sobre o tema abordado. A revista está ancorada em reportagens em profundidade, que mostram o contexto histórico, cultural e social do assunto tratado. As reportagens têm, no mínimo, quatro páginas, e são escritas por alunos dos últimos semestres de jornalismo da Faculdade de Comunicação, selecionados pelo desempenho na produção do jornal *Campus*, a disciplina de Jornalismo Impresso; em Planejamento Gráfico e em disciplinas de Fotografia. Eles foram convidados pela capacidade e qualidade de apuração, redação e edição, além de pró-atividade, senso crítico e criatividade. A revista também traz entrevistas com personalidades sêniores de todas as áreas do conhecimento e um espaço para a criação – seja na literatura, artes visuais, fotografia..

Os trabalhos de apuração e edição são acompanhados pelos professores da Faculdade de Comunicação da UnB - David Renault, Márcia Marques e Dione Moura -, todos jornalistas profissionais com ampla e diversificada experiência em edição e reportagens, assim como são pesquisadores do processo de ensino-aprendizagem em jornalismo. A equipe de diagramação foi orientada nas três primeiras edições pela professora Célia Matsunaga e no ano de 2009, está sob orientação da professora Gabriela de Freitas, alunos da Oficina Avançada de Diagramação – das áreas de publicidade, artes visuais e desenho industrial – são responsáveis pela elaboração do projeto gráfico e editoração da

■
⁴ XI Encontro de Professores de Jornalismo, realizado em São Paulo entre os dias 19 e 21 de abril de 2008, na Universidade Mackenzie, SP.

■
⁵ MEDINA, Cremilda. Anotações realizadas por Márcia Marques, acerca de palestra proferida por Cremilda Medina durante abertura do XI Encontro de Professores de Jornalismo, realizado em São Paulo entre os dias 19 e 21 de abril de 2008, na Universidade Mackenzie, SP.

revista. A equipe de fotografia da Revista tem estado sob coordenação do professor Marcelo Feijó, também da Faculdade de Comunicação da UnB e no ano de 2009 está sob supervisão do professor Lourenço Cardoso. Nas duas primeiras edições, houve também a participação da professora Rosa Pecorelli, na edição das reportagens.

Com periodicidade semestral, a publicação tem distribuição via mala direta para bibliotecas – preferencialmente de cursos de comunicação – para órgãos públicos que atuam nas áreas de educação e cultura, empresas privadas, organizações da sociedade civil, universidades, representações sindicais, movimentos sociais e organizações não-governamentais. Atualmente, duas edições estão disponíveis no meio eletrônico, (http://issuu.com/edutirao/docs/campus_reporter, <http://issuu.com/pfranca/docs/campusano2>, <http://issuu.com/fac.unb/docs/campusreporter004>).

5 Organização da revista

Na questão das técnicas jornalísticas, nosso recorte é o da teoria construtivista. Embora seja fruto de um conjunto de disciplinas com alunos em professores de diferentes áreas, a revista mantém uma estrutura organizacional semelhante a qualquer redação. Há hierarquia no processo de produção⁶ e a direção da revista é feita por um conselho editorial, formado pelos professores responsáveis pelas disciplinas, e que também atuam como editores e coordenadores de reportagem.

■
⁶ A respeito da produção da notícia, c. f. JORGE, Thaís e MARQUES, Márcia. A arte de Negociar a notícia. Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

6 O Nascido da revista

Nossas aulas dessa quarta edição da revista *Campus Repórter* começaram em março de 2009. Ainda no mês de fevereiro, no período de férias, enviamos correspondência eletrônica aos estudantes com os critérios de seleção para a disciplina. Abrimos vagas para: fotorreportagem, reportagem, secretaria/entrevista, marketing, diagramação, ilustração. Os alunos de Jornalismo devem ter cursado o *Campus 2*, de jornalismo impresso, do sexto semestre, como pré-requisito básico, mesmo para outras funções que não a reportagem. Quem fez a revista pode se candidatar novamente. As vagas de marketing, diagramação e ilustração são abertas também a alunos de publicidade, artes plásticas e desenho industrial. O aluno deve informar em que pretende trabalhar, pode oferecer, ou não, pauta, que deverá vir estruturada nos moldes que aprendem na disciplina de Técnicas, do quarto semestre.

Nessa fase, o Conselho Editorial havia discutido algumas sugestões de pauta: perfil do radialista de Anápolis José da Cunha; a relação entre parques e a comunidade para a melhoria da qualidade de vida; o trabalho dos peritos criminais e a relação com

as séries sobre o assunto, como CSI (*Crime Scene Investigation*); e a entrevista com Pedro Demo, ex-professor da UnB, autor de vários livros sobre educação e um dos embaixadores teóricos de nossa experiência pedagógica. Recebemos pedidos de 19 estudantes candidatos, selecionamos 13. Foram eliminados os que não atendiam os requisitos de seleção – a disciplina passou a ser bastante disputada e alunos de todos os semestres demonstram interesse em cursá-la.

Em nosso primeiro encontro, os alunos tiveram uma aula sobre a organização do grupo com indicações de nosso organograma, hierarquias e relacionamentos, além da sugestão de calendário de funcionamento.

No campo jornalístico, os agentes, os jornalistas, ocupam funções diferenciadas na estrutura da redação e que determinam o poder de decisão que possuem para, dentro do campo, definir o que será, ou não, publicado, as pautas que serão acompanhadas, os temas descartados da cobertura. (MARQUES, 2005, p.39).

O quê	Quem	Atribuições
Conselho Editorial	Márcia Marques, David Renault da Silva, Dione Oliveira Moura, Marcelo Feijó, Gabriela de Freitas	Define as linhas gerais da revista
Editor executivo	Márcia Marques	Executa – e delega – o que é definido pelo conselho
Editores	Professores da disciplina e convidados (nesta edição, Solano Nascimento)	Orientam a cobertura feita pelas equipes de reportagem e também a edição de todo o material
Editor assistente	Alunos	Auxiliam o professor – pode ser também da equipe de reportagem
Repórter – texto e foto	Alunos – pré requisito campus 2	São repórteres
Diretor de arte	Professor da disciplina – Gabriela de Freitas	Comanda toda a operação gráfica – da elaboração do projeto à impressão
Secretaria da redação/entrevista	Aluno – pré-requisito Campus 2	Vai documentar todo o processo e também organizar a comunicação. É responsável pela produção da entrevista
Diagramação	Aluno – se for do Jornalismo, tem pré-requisito de Campus 2 – pode ser da publicidade e do desenho industrial, com pré-requisito de planejamento gráfico ou equivalente.	Diagrama as páginas, em parceria com repórter, fotógrafo e editor – que não interferem durante o processo de criação

Quadro 1- Composição da Equipe Editorial da edição 4 da *Campus Repórter* (junho 2009).

As três primeiras semanas de trabalho da edição 4 foram destinadas às discussões de pauta. Nestes encontros foram apresentadas sugestões de pauta que iam da proposta para acompanhar as visitas no presídio feminino em Brasília, às escolas dos assentamentos do MST no Paraná, passando pela proposta de fazer uma entrevista com a ativista dos direitos humanos de Moçambique, Graça Machel, atual esposa do líder Nelson Mandela, da África do Sul. Também ficou decidido que abriríamos espaço para a arte, e não apenas literatura, nas últimas páginas da publicação. Neste caso, convidamos a artista e professora da UnB, Sonia Paiva, que trouxe o caderno de estudos *Labirintos do Meu Coração*, um trabalho de pesquisa com filigranas de emaranhados, num jogo de elementos de pintura e cenografia. Como previsto, em nosso quarto encontro – realizado sempre às quartas-feiras, entre 10h e bem depois do meio dia – fechamos as pautas, roteiros de viagens e definimos quais professores acompanhariam a produção de quais reportagens.

Mantivemos o nome de Graça Machel como entrevistada até o mês de maio de 2009. Quando a entrevista se tornou inviável, pensamos no nome do cineasta e diretor de fotografia de cinema Valter Carvalho, que também ficou fora desta edição, pois havia entrado em processo de edição do filme Budapeste. Acabamos por optar pela entrevista, apenas em 1º de junho, com Reynaldo Jardim, nome que revolucionou os cadernos de cultura, e muitos outros espaços, do jornalismo brasileiro.

À medida que as pautas iam sendo discutidas, os alunos traziam informações sobre leituras e as pesquisas que realizavam para a empreitada da reportagem. Lima Barreto – que foi interno de manicômio e escreveu sobre este período da vida – e Michel Foucault alimentaram a reportagem sobre as relações entre Loucura e Barbacena (MG), além de dados sobre a luta antimanicomial; Clarice Lispector, com *A partida do Trem*, e a história da Vitória-Minas, serviram para o roteiro de viagem.

Em todos os encontros houve participação da equipe de diagramação e de fotografia, pois as informações serviriam para a composição de palheta de cores, escolha de fontes e de programação visual das páginas. – na ida a campo, o que contribuiu muito para a concepção de arte de cada tema.

Uma reportagem específica será destacada no presente estudo (Figura 1). Esta reportagem chama a atenção por ter tido uma produção extremamente elaborada, pois a proposta de pauta abordava as residências-terapêuticas em Barbacena, MG.

A proposta de pauta assinada pelos estudantes repórteres Marcus Lacerda (apuração e texto) e Janine Moraes (fotografia), teve a edição da professora Dione Moura e diagramação do

estudante Fábio Tito. O docente Marcelo Feijó respondeu pela edição fotográfica e a docente Gabriela Freitas pela supervisão da programação visual.



Figura 1 - Páginas iniciais matéria sobre residências terapêuticas em Barbacena, MG, edição 4, Campus Repórter.

A matéria sobre as residências-terapêuticas em Barbacena, MG partiu da seguinte pauta:

Sugestão de Pauta

Loucura em Barbacena (Janine Moraes e Marcus Lacerda, Universidade de Brasília)

Apresentação

Além de ser conhecida como cidade das rosas, Barbacena também tem uma forte ligação com a loucura. A cidade de clima temperado recebia no início do século XX doentes de tuberculose. Com os avanços da infectologia e o controle do bacilo de Koch, os grandes sanatórios foram convertidos em hospitais psiquiátricos. Esses manicômios serviram de palco para histórias de abandono e maus tratos. Os pacientes eram transportados em trens de gado até a cidade, como narrou Guimarães Rosa em “Soroco, sua mãe e sua filha” (o escritor fez residência na cidade e pôde testemunhar isso). Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), também conhecido como Colônia, chegou a ter mais de 5 mil internos e na década de 70 doou 1800 corpos para faculdades de medicina. Em 1979, a cidade recebeu diversos especialistas no III Congresso Mineiro Psiquiatria. A partir deste momento começava a iniciativa de mudar o panorama caótico e desumano dos manicômios da cidade. Barbacena é uma cidade que possui a loucura como um traço característico. A cidade abriga o Museu da Loucura, que tem expostos instrumentos hospitalares, fotos e pertences de pacientes que passaram por lá. No início do mês de abril ocorre o Festival da Loucura, que mescla eventos científicos e culturais sobre a insanidade mental e a inclusão de pacientes.

Até 2006, a cidade contava com seis manicômios. Por conta da Política Nacional de Reforma Psiquiátrica, apenas quatro manicômios estão funcionando. A tendência nacional está sendo a substituição da internação em macrohospitais pelo tratamento em residências terapêuticas com cerca de 8 internos onde eles podem ter mais atenção e são melhor integrados à sociedade. Das 59 residências terapêuticas do estado de Minas, 25 ficam em Barbacena. A cidade possui a terceira posição em gastos do SUS em internações psiquiátricas do estado de Minas Gerais.

Foco

Quais as histórias de Barbacena com a loucura? Quais as histórias mais conhecidas pelos habitantes sobre a Colônia e as atrocidades que aconteciam lá? Já houve uma grande fuga de loucos da Colônia? Como as pessoas da cidade convivem com os loucos? Quem

são os pacientes internados a mais tempo? Como funcionam as residências terapêuticas? O que os pacientes de residências terapêuticas falam da internação nos manicômios? Como os pacientes e profissionais de saúde testemunharam as mudanças de 79 até hoje? Ainda existem internações indevidas por conta de interesse de terceiros?

Contatos: Dr. Jairo Toledo – diretor da Colônia por 13 anos, organizou o III Congresso de Psiquiatria de 79, um dos idealizadores do Museu da Loucura – 32-3331-3373/32-9983-1611 (mediará nossa entrada nos hospitais) Assessoria de Imprensa da Prefeitura – Edson Brandão – (32) 9902-8624

Secretaria de Saúde – Edson Resende – (32) 8875-4226/3331-722. Ministério da Saúde - Pedro Gabriel Godinho – Coordenação de Saúde Mental do MS - 3315.2784

Referências: Sôroco. Conto de Guimarães Rosa, que morou e trabalhou como médico em Barbacena.

“Colônia – uma tragédia silenciosa”, do psiquiatra Jairo Furtado Toledo, com imagens do fotógrafo Luiz Alfredo Ferreira, que fez uma reportagem fotográfica para a revista *Cruzeiro* em 1961. Curta “Em nome da razão”, de Helvécio Rattton, filmado no manicômio de Barbacena em 1979. O jornal “O Estado de Minas”, em 1979, lançou uma série de matérias sobre Barbacena intituladas “Porões da Loucura”, assinadas pelo jornalista Hiram Firmino.

Cronograma: Saída 19/04/2009. Retorno 24/04/2009.

Orçamento: 02 Passagens Brasília-Barbacena – R\$ 228 (R\$ 114 cada uma). 02 Passagens Barbacena-Brasília – R\$ 228 (R\$ 114 cada uma). Hospedagem – R\$ 500 (R\$ 100 a diária). Alimentação – R\$ 240 (R\$ 120 por pessoa, 20 reais por dia). Total: R\$ 1196,00 (MORAES; LACERDA, 2009)⁷.

⁷ Documento eletrônico.

O primeiro relatório que a equipe enviou em 30 de abril de 2009, após o retorno de Barbacena já era suficiente para espelhar o potencial do material apurado. Em Barbacena, os repórteres visitaram sete residências-terapêuticas, entrevistaram dois moradores de Barbacena deficientes mentais que vivem com suas famílias, foram ao hospital da FHEMIG (o que era o hospital-colônia), entrevistaram uma família (mãe, filha, filho e genro) que trabalhou na FHEMIG e também entrevistaram um ex-interno que fugiu da FHEMIG no início da década de 1960 e “desde então viveu escondido por uma família em uma fazenda”, como relatou o estudante repórter Marcus Lacerda em mensagem enviada ao grupo eletrônico da disciplina.

Antes de ir a campo, os repórteres, diagramadores e fotógrafos de cada matéria fizeram um efetivo mergulho em busca de referências não só que fossem fontes de informação (a regra em qualquer pauta jornalística), quanto mergulharam no que a editora Dione Moura propôs como exercício de pré-apuração, (Figura 3).

A equipe de fotógrafos arquivam várias das fotos de cobertura, na página da professora Gabriela Freitas (<http://www.flickr.com/photos/campusreporter/>). E no endereço flickr (www.flickr.com/janinemoraes/) podem ser vistas algumas das fotos produzidas pela estudante repórter fotográfica Janine Moraes para as matérias sobre as residências-terapêuticas em Barbacena, MG e para a matéria de capa sobre as escolas itinerantes do MST, produzida em conjunto com Flávia Maia (reportagem de capa da edição 4 de *Campus Repórter*, Figura 2).

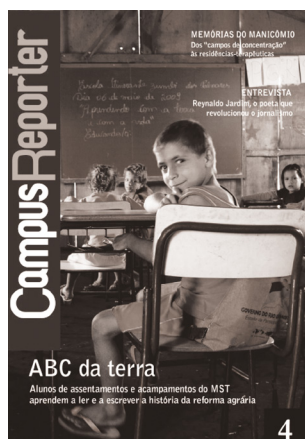


Figura 2 - Edição 4, publicada em junho/2009.

De: Dione Oliveira Moura <moura3001@yahoo.com.br>
Para: campusreporter4@googlegroups.com
Enviadas: Qua, Abril 8, 2009 3:51:01 PM
Assunto: pesquisa para imersão pré-apuração - entrega 13 de abril

A toda equipe campus repórter (texto, fotografia e diagramação),

atividade de pesquisa para ser postada no grupo da disciplina - web - até a próxima 3a feira, dia 13 de abril:

- faça uma pesquisa cultural - fotografia, imagens diversas, músicas, filmes, literatura, poesia, crônicas, romances, publicidade, ficção etc- que tenha relação com seu tema de reportagem. Destes, selecione os que lhe parecerem mais apropriados e poste na página do grupo.

Depois, escreva uma breve crônica - 10/15 linhas sobre sua relação com este material cultural. Pq isto parece dizer respeito a sua reportagem, do ponto de vista seja do texto/apuração, seja da fotografia ou da diagramação?

Em caso de músicas, vídeos, videoclips, trechos de filmes, poste tb.

Para que este exercício: para preparar a imersão na reportagem., aguçar os sentidos pré-apuração.

Prazo? 13 de abril de 2009, próxima terça-feira.

Prazo para pautas, orçamento e datas de viagem? já estourou. Quem não cumpriu enviar imediatamente.

Cronograma de fechamento: foi atualizado hoje, durante a aula, temos novas datas. Será postado mais tarde pela secretaria da Revista.

abraços, pesquisem pesquisem pesquisem, aproveitando o intervalo do feriado - um momento adequado para visitar a poesia, a fotografia, a música... a cultura.

Dione Moura

Veja quais são os assuntos do momento no Yahoo! + Buscados: Top 10 - Celebridades - Música - Esportes

Figura 3 - Orientações, via grupo eletrônico, da prof^a Dione Moura, uma pesquisa cultural antecedente à imersão na reportagem.

Na Figura 4, podemos visualizar parte da equipe, na sede da Faculdade de Comunicação da UnB, em processo de revisão final da edição 4. Por sugestão da professora de Planejamento Gráfico, Gabriela Freitas, muitos dos alunos desta equipe acompanharam os repórteres – de texto e foto – na ida a campo, o que contribuiu muito para a concepção de arte de cada tema.

Na primeira semana de maio de 2009, fechamos as equipes de reportagem, edição e diagramação para cada uma das matérias da edição 4. Também ficou definido o prazo final para entrega dos textos, 8 de junho, e o período voltado aos ajustes, até 15 de junho, bem como a data de lançamento: 29 de junho, antes, portanto, do encerramento do semestre.



Figura 4 - Equipe em processo de revisão da edição 4.

7 A Experiência compartilhada

Ao final do semestre e pela primeira vez, aplicamos um ques-

tionário aos participantes, com o objetivo de melhorar a disciplina e a publicação. Segundo Patrícia Banuth, estudante de jornalismo da UnB que participou da edição 4 como repórter fotográfica:

[...] em *Campus Online* e (*Jornal Laboratório*) *Campus* o ritmo é de jornal diário, então a produção é mais rápida e sem estudo prévio. Nas disciplinas de introdução à fotografia e fotojornalismo os ensaios não precisam se adequar aos textos, como acontece em *Campus Repórter*.

Fernanda Lobo, estudante de jornalismo que atuou como repórter na edição 4, afirmou:

Na *Campus Repórter*, todas as etapas da reportagem são discutidas a fundo, e por isso, acredito que são melhor absorvidas e consequentemente rendem bons resultados. Aprendi muito não só com a minha entrevista (com Reynaldo Jardim), mas com o trabalho de todos, que era sempre compartilhado com o grupo. As reuniões são produtivas, todos davam sugestões sobre todas as matérias, o que fez do grupo realmente uma equipe.⁸

■
⁸ Resposta ao questionário aplicado para a turma do primeiro período letivo de 2009.

Yvna Souza, outra estudante de jornalismo que participou da edição 4 de *Campus Repórter*, com a reportagem sobre a estrada de ferro Vitória-Minas afirma:

Tive experiência semelhante quando fiz o jornal impresso *Campus* e tínhamos um suplemento chamado 'parênteses', que tinha justamente o objetivo de explorarmos um tema por meio de reportagens mais aprofundadas. No entanto, ter ou não um suplemento no (*Jornal Laboratório*) *Campus* é uma opção dos alunos de cada semestre e foi sorte minha termos optado por isso. Por isso, acho importante termos uma disciplina como a *Campus Repórter*, que nos assegura essa experiência. Além disso, a *Campus Repórter* nos dá a oportunidade de sairmos do DF e explorar assuntos diversos, que não estão na nossa realidade próxima, como foi o caso da minha reportagem.⁹

■
⁹ Resposta ao questionário aplicado para a turma do primeiro período letivo de 2009.

Os relatos acima citados são significativos no sentido de indicar os pontos fortes da experiência de aprendizagem compartilhada em torno da produção de reportagens. Embora alicerçada nos quase 40 anos de experiência do *Jornal Laboratório Campus*, publicado pela mesma faculdade, a revista *Campus Repórter* é jovem, tem apenas três anos no momento de apresentação deste artigo.

A juventude abarca ao mesmo tempo um ponto forte – o potencial do que está por vir – e um ponto fraco – a carência de infra-estrutura laboratorial (que deve ser resolvida em 2010 com a inauguração do novo laboratório de jornalismo) e de recursos próprios para produção da revista (a revista tem contato com o apoio financeiro do Decanato de Assuntos Comunitários da UnB e com recursos próprios da Faculdade de Comunicação e protocolou no Ministério da Cultura o pedido de inclusão nos benefícios da Lei Rouanet, para captar recursos que lhe garantam a sustentação).

8 Diálogo

Este lugar de contador de histórias pode ser considerado uma espécie de enigma da esfinge não só da prática jornalística, mas da pesquisa e do ensino-aprendizagem em jornalismo. Nossa investigação ecoa na exposição de Berger (2002, p.139) quando afirma:

O jornalismo que é instrumento de pesquisa histórica e cultural, que é objeto de estudo da história, da economia, da ciência, da política e da linguística, deixa para a Comunicação a interpretação do que é da sua essência: o jornalismo informa, narra, desvela o mundo. O jornalismo conecta e dá sentido para a vida. O jornalismo é o suporte para a existência continuada do "contador de histórias.

Indo da narrativa ao processo de entrevista que antecede a construção desta narrativa, voltamos os olhos para Medina (2002). A autora lembra que a entrevista como diálogo é resultado de uma busca permanente. Na produção da *Campus Repórter*, os estudantes têm sido constantemente instados a mergulhar em processo de elaboração da pauta que os prepare (em termos de histórico e aspectos técnicos do tema à pauta) e os motive (em termos de uma abertura o mais ampla possível) para ouvir, de fato, os entrevistados. Não a entrevista de corredor, no fragor da hora de um deadline diário, mas a entrevista com preparação, com pausa, sem interromper o entrevistado.

Permitir de fato ao entrevistado se manifestar e ao repórter pontuar com as perguntas que foram fruto de uma boa produção de pauta. É mais um horizonte que deve ser continuamente buscado, contudo o resultado destas quatro edições de *Campus Repórter* tem apontado na direção da entrevista como um diálogo, sim.

Por outro lado, a estrutura de compartilhamento de resultados das entrevistas, o que se dá tanto pela lista eletrônica do laboratório, quanto pelas reuniões semanais durante as aulas, permite que os percursos da coleta de informações, por meio de entrevistas, visita de campo, levantamento de dados, seja aperfeiçoada ao longo do semestre, em um processo de aprendizagem colaborativa.

Em seus jovens anos a revista *Campus Repórter* já recebeu alguns prêmios – em junho de 2008 (primeiro lugar na modalidade Jornalismo Impresso-Prêmio Expocom Centro-Oeste); em setembro 2008 (prêmio nacional Expocom-Intercom), em agosto de 2009 (Prêmio Engenho de Comunicação, categoria Iniciativa Acadêmica), (Figura 5).

E, por fim, a busca pela construção de novas formas narrativas passa, no caso da experiência da *Campus Repórter*, já desde seus primeiros dias, pela predisposição em perseguir uma apuração e edição cuidadosas, com pautas inspiradas não só em 'estrelas', mas em uma perspectiva que contempla como estrela digna de

primeira capa qualquer personagem ou história que possamos apresentar sob uma narrativa enriquecedora para os leitores desta jovem publicação. O fim da trilha? Desejamos que esteja distante, pois há muito campo para experimentação neste processo de ensino-aprendizagem.



Figura 5 - Integrantes da equipe, edição 4, na entrega do Prêmio Engenho de Comunicação 2009.

With a backpack on, reconstructing the tracks of the *Realidade* magazine and looking for new narratives *Campus Repórter* magazine - UnB

ABSTRACT

The article describes the experience of a laboratory magazine of the Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, *Campus Repórter* magazine, launched in 2007, but it goes further and it discusses, from concrete experiences, the area of teaching and learning in production reports as an area for construction of (new) narrative forms for print journalism, especially journalism magazine. It also describes the way of collaborative production of the magazine, which involves students in journalism, advertising and industrial design, under supervision of teachers publishers area of reporting, photojournalism and graphic design. It concludes that the collaborative experience in the production of a laboratory journal sum results and the magazine has trodden a path that points to new narrative forms more responsive to the polysemy and polyphony, as well as innovative perspective to narrate the daily facts from a more contextual perspective, inspired by *Realidade* magazine (1966 a 1976).

KEYWORDS: Print journalism - Narrative. *Realidade* (Magazine). *Campus Repórter* (Magazine). Learning-collaborative.

Con la mochila a cuestas, reconstruyendo los caminos de la revista *Realidade* y buscando nuevas narrativas: revista *Campus Repórter* – UnB

RESUMO

El artículo describe la vivencias de una revista experimental de la Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, revista *Campus Repórter*, creada en el 2007. Sin embargo, esta investigación trasciende y problematiza, a partir de experiencias

concretas, el espacio de enseñanza y aprendizaje en la producción de reportajes como un espacio para la construcción de (nuevas) formas narrativas para el periodismo impreso, especialmente para el periodismo dedicado a la elaboración de revistas. También describe el modo de producción colaborativa de la revista, que tiene como miembros del grupo de trabajo estudiantes de periodismo, publicidad y diseño industrial, con la supervisión de profesores editores del área del reportaje, del fotoperiodismo y de la planificación gráfica. Concluimos que la experiencia colaborativa en la producción de una revista experimental posee resultados más y que la revista ha andado un camino que lleva a formas narrativas que trabajan con más atención y discernimiento la polisemia y las perspectivas innovadoras que narran hechos de la vida cotidiana a partir de una perspectiva más contextual, com inspiración en la revista *Realidade* (1966 a 1976).

PALABRAS CLAVE: Periodismo impreso. Narrativa. Realidade (Revista). Campus Repórter (Revista). Aprendizaje colaborativo.

Referências

BERGER, Christa. Jornalismo na comunicação. In: WEBER, Maria Helena; BENTS, Ione ; HOHLFELDT, Antônio. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002. P.137-163.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JORGE, Thaís M.; MARQUES, Márcia. A Arte de negociar a notícia. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 6. ; CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 29., 2006. Brasília, DF. **Anais...** Brasília, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da reportagem**, 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Ática, 2002.

MORAES, Janine. LACERDA, Marcus. Disponível em: <campusreporter4@googlegroups.com>. Acessado em: 08 abr. 2009.

PANIAGO, Paulo. **Um Retrato interior**: o gênero perfil nas revistas *The New Yorker* e *Realidade*. 2008 456 f. Tese (Doutorado em Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.

Márcia Marques

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

Professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: professoramarcia@gmail.com

Dione Oliveira Moura

Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB).

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: moura@unb.br